

A CONTRIBUIÇÃO DO CEPA PARA A AMPLIAÇÃO DAS METODOLOGIAS ARQUEOLÓGICAS NO PARANÁ

Zulmara Clara Sauner Posse*

Acredito não ter muito a acrescentar além do que já se comentou, mas talvez deva referir sobre uma questão fundamental que orientou minha opção pela arqueologia.

Desde muito jovem preocupava-me com a diversidade humana. Como poderíamos entender a diversidade entre as sociedades, e como explicá-la? Foi com esta perspectiva de tentar entender como as sociedades se tornaram diferentes, que ingressei no curso de História.

O aprendizado até então me mostrava que existira na história humana sociedades muito distintas entre si e que elas hoje ainda existiam. Portanto, no curso de graduação em História eu encontraria a resposta para este problema.

Qual não foi a minha surpresa, quando no ano de 1967, ao iniciar o curso de História, tenho como primeira disciplina Antropologia Biológica, com o prof. Loureiro, e no mesmo semestre, outra disciplina com o prof. Igor, Arqueologia Pré-Histórica.

Entendi imediatamente que não se encontrava na história que encontraria o que procurava. A diversidade humana recuava para um período anterior à história, localizando-se na arqueologia.

Logo a minha motivação para iniciar o trabalho em arqueologia, resultou de uma inquietação pessoal que tentei durante toda a vida acadêmica tornar um problema científico.

O que ocorria no Paraná nesse período em relação à arqueologia? Mme. Annette Laming-Emperaire continuava trabalhando nos sítios arqueológicos do litoral paranaense, mais especificamente nos sambaquis, nos quais a profa. Margarida Andreatta realizava pesquisas. O prof. Igor estava desenvolvendo as pesquisas do Pronapa, em várias regiões do planalto. Apresentava-se então a possibilidade de responder minha inquietação. Tive oportunidade de trabalhar com Margarida Andreatta nos sambaquis, e conhecer a metodologia francesa,

* Professora aposentada do Departamento de Antropologia/UFPR.
E-mail: zulmara@saunerposse.com.br

assim como com o prof. Igor, e conhecer a metodologia americana.

Desse modo, durante a semana freqüentávamos o CEPA, do qual logo me tornei bolsista. Conheci as infundáveis seriações cerâmicas, que trabalhávamos com a bendita regra de cálculo. Um único erro significava perder a seriação com milhares de fragmentos, recomeçando do início. A régua de cálculo era um equipamento moderníssimo na época.

Tal atividade foi um treino fundamental para a impaciência e o disciplinamento metodológico. Ao mesmo tempo, freqüentava nos finais de semana o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, onde a profa. Margarida analisava o material lítico e ósseo oriundo dos sambaquis do Guaraguaçu e do Toral, utilizando o Guia para Indústria Lítica publicado pelo CEPA em 1967. O guia resultava de treinamentos, cursos e pesquisas que Mme. Annette havia realizado no Paraná sendo organizados e financiados pelo CEPA.

Pude aprender, portanto, simultaneamente e sem conflito, as duas correntes metodológicas que orientaram as pesquisas arqueológicas no Brasil. E não sem razão, com a orientação de pessoas que detinham esses conhecimentos e, portanto podiam me orientar de fato na percepção daquilo que a arqueologia poderia produzir no Brasil.

E foi esse aprendizado, que me levou a conhecer de modo mais íntimo a metodologia implantada pelos Evans com o Método Ford que eles próprios superaram, ao introduzir variáveis e sistemas de explicações não aparentes. Simultaneamente, conheci as grandes teorizações da metodologia francesa, que nesse momento discutia os sistemas e as estruturas analisadas nas decapagens. Ou seja, a percepção da existência de diferentes modos de observar o mesmo fenômeno, me permitiu alargar o entendimento do fenômeno humano. O fenômeno humano se apresenta diverso do mesmo modo que a ciência se apresenta diversa na concepção das metodologias que utiliza para entendê-lo.

Continuei trabalhando com o prof. Igor e a profa. Margarida até prestar concurso para professor na UFPR, em 1971. Na década de 70, o prof. Igor elaborava sua tese de doutorado utilizando material oriundo das pesquisas do Pronapa. Tive a oportunidade de trabalhar com imenso material cerâmico, discutir as dimensões da espacialidade e a representação e a significação da cerâmica no contexto do sítio arqueológico. Acompanhei, portanto, a elaboração de uma tese com os resultados das pesquisas utilizando uma metodologia clara e específica. Simultaneamente, participei da análise do material oriundo dos sambaquis, que serão objeto da tese de Livre-docência da profa. Maria José Menezes.

Dois dimensões tornaram-se fundamentais na minha percepção sobre a arqueologia. Quando trabalhava com o prof. Igor, utilizamos como referência uma indústria produzida exclusivamente por mulheres, isto é, a cerâmica. Quando trabalhava com Margarida e Maria José, usávamos como referência uma indústria produzida exclusivamente por homens, isto é, o lítico. Apresentava-se nesse momento aquilo que na sociedade humana de caçadores, coletores e horticultores, é tida como a estrutura básica das sociedades tribais, ou seja, a divisão sexual do trabalho, representada em duas indústrias, a cerâmica e a lítica. Esta observação me levou a questionar como poderíamos entender a reprodução humana tomando como referência o material que ela produz.

Torna-se claro que a produção material era apenas forma de uma estrutura que se encontrava consubstanciada numa produção não material. Esta produção é a que interessava conhecer, pois era motivadora da produção material. E qual era a concepção dessas sociedades na produção desses instrumentos? Ao mesmo tempo em que isso ocorria, outra questão se colocava no entendimento da produção humana na pré-história do Paraná. A diversidade que se apresentava era difícil de ser entendida a priori, assim como o volume do material coletado impossível de ser explicado. Como explicar a quantidade incomensurável de cerâmica e lítico em sociedades que não produzem excedentes, assim como a enorme diversidade existente entre os muitos sítios pesquisados? Isso significava uma população numerosa para produzir a indústria e a diversidade. Todas estas questões irão resultar numa dissertação de mestrado.

Continuava ainda trabalhando no CEPA e no MAAP com a profa. Margarida, que analisava os esqueletos humanos oriundos do Sambaqui do Guaraguaçu. Suas análises não se limitavam a identificar os esqueletos, mas a entender os sepultamentos, isto é, a intervenção social. Estava se referindo às concepções não materiais da cultura. O CEPA nesse período (1960-70), recebia e destinava verbas para financiamento das pesquisas arqueológicas na UFPR. Mme Annette havia iniciado a pesquisa arqueológica no Sambaqui do Toral 51 no distrito de Alexandra, e as professoras Maria José Menezes e Margarida Andreatta, davam continuidade às pesquisas. Nos meses de férias acadêmicas, participei dos trabalhos de campo junto às referidas professoras, em três etapas (1968, 69, 70). O material arqueológico coletado era levado para o MAAP, onde se desenvolviam as atividades de laboratório. Os sepultamentos no Sambaqui do Toral chamavam atenção pela sua abundância. Rituais funerários, superposição de sepultamentos, orientação diversificada dos esqueletos, presença de sepultamentos infantis, eram muito freqüentes. A indústria lítica,

comparativamente aos sambaquis do litoral já analisados, apresentava-se menos elaborada, disposta em áreas mais definidas, enquanto os fragmentos observavam-se dispersos por todo o sítio, pois trabalhávamos com técnicas de decapagem em área ampla.

Ainda sob a orientação da profa. Margarida, como bolsista do CEPA, participei em 1969 na pesquisa arqueológica no Sítio de Armação, em Santa Catarina, coordenada pelo padre Rohr. A técnica de decapagem também ali empregada revelava mais facilmente os vestígios arqueológicos pois sua composição era basicamente de areia e pouco húmus, diametralmente oposta à do Toral, onde predominavam os resíduos da fauna malacológica e húmus.

Dr. Loureiro se encontrava no MAAP, revendo sepultamentos do Sambaqui de Matinhos e juntamente com as professoras Margarida e Maria José, participava dos trabalhos de laboratório relativos àquele material. Em 1970, o prof. Igor realizou pesquisa de campo nos sítios arqueológicos da região de Ubiratã, no Paraná, cujo material após análise, foi identificado como sendo da tradição Itararé. Esta atividade se apresentava absolutamente diferente das que já participara pois nos sambaquis o sítio encontra-se previamente delimitado. Naquela, a definição da área da pesquisa será dada pelo número de sítios encontrados. Inicialmente, a área se mostrava escassa de resíduos de cerâmica e lítico. E as prospecções pouco revelavam até que alterações nas deposições do solo começaram a indicar a presença de atividade humana não contemporânea.

Um complexo conjunto de vestígios revelou casas subterrâneas e sepultamentos acima do solo, isto é, o oposto do que comumente ocorre, onde as habitações estão acima do solo e os sepultamentos abaixo. Compreendia-se, portanto, a dispersão do material fragmentado pela área e a pequena concentração em torno do sepultamento na sua base. Não havia esqueletos e o ritual funerário incluía cremação que se encontrava sob uma base de sedimentos compactos, coberto por volumoso depósito de terra. A análise em laboratório do material coletado, demonstrou a ampliação da tradição Itararé registrada no Rio Piquiri em 1965.

A partir da perspectiva do sepultamento como indicador da estrutura social, desenvolvi uma pesquisa com material já publicado sobre os sepultamentos nos sambaquis no litoral do Paraná. Em 1973, ocasião em que o CEPA organizou o curso de especialização em arqueologia no Paraná, sob a coordenação científica da Mme. Annette, discuti com a mesma a respeito da população pré-histórica. Mme. Annette colocou-me em contato com os pesquisadores franceses que estudavam o assunto. Vasto material, a propósito, vinha sendo publicado

na Europa Oriental, ao qual só tive acesso por intervenção dos colegas franceses de Mme. Annette, pois publicações do bloco comunista não podiam entrar no Brasil. O prof. Igor, indicou-me um grupo americano que discutia também o assunto.

A Universidade de Berkely com Borah e Cook, desenvolvia pesquisas nos sambaquis da Califórnia, desde 1960, procurando entender a depopulação indígena na América. Utilizavam metodologia quantitativa para trabalhar com projeções.

Informados sobre a pesquisa que desejava desenvolver, enviaram suas publicações e discutiram o projeto. O CEPA foi o órgão institucional que intermediou a troca de publicações.

Utilizei toda essa metodologia americana, baseada em cálculos quantitativos, associada à corrente metodológica francesa no estudo das grandes estruturas para tentar encontrar a população pré-histórica dos sambaquis do litoral paranaense.

Concluída a dissertação de mestrado, procurei estudar as populações pré-históricas do interior usando como referência a cerâmica e a ausência de sepultamentos. Utilizei-me do trabalho realizado pelo prof. Igor e publicado no Pronapa, assim como dos publicados por Margarida Andreatta, Luciana Pallestrini e Sílvia Maranca. Tornava-se evidente que, enquanto a metodologia americana mostrava um mapeamento fantástico com enorme diversidade cultural, a variabilidade e alguns aspectos da estrutura social, a metodologia francesa permitia pontualmente trabalhar com esta estrutura social.

A cerâmica, dada a sua plasticidade, mostrava-se um elemento fundamental na representação dos modelos coletivos dos grupos e permitia analisar inúmeras variáveis da estrutura das sociedades. Encerrado o mestrado e o doutorado, quando desenvolvi basicamente pesquisa de laboratório, voltei a campo em 1989, a convite do prof. Igor, que por intermédio do CEPA desenvolvia o projeto arqueológico na Redução Jesuítica de Santo Inácio Mini. As escavações nessa data, se realizavam na área próxima à igreja e em seu interior. Sepultamentos de adultos em covas em várias profundidades, indicavam os diferentes períodos de ocupação do local. Rituais funerários, associados a um sepultamento adulto, com duas crianças, foram marcados por adornos como missangas, botões de cerâmica, sempre acompanhados de fragmentos das telhas que recobriam a igreja. Distinguiu-se a população indígena da população espanhola pelas práticas rituais, a orientação dos sepultamentos, a localização na área da igreja, a profundidade dos restos antropológicos, entre outras variáveis. Em campo, tanto as técnicas decapagem como os cortes, as prospecções e a amostragem, foram simultaneamente utilizados e se complementaram.

Resultou de todo esse aprendizado com o material arqueológico e as diferentes metodologias, a clareza de que a diversidade cultural ocorre a partir da concepção que cada grupo em um lugar específico possui sobre a natureza circundante e sobre si.

Ela é a grande riqueza dos humanos pois nos mostra quantos milhares de escolhas existem para se reproduzir. Penso na arqueologia como uma ciência do presente que utiliza a produção material para entender a sociedade. Não importa o período a que se refira, está sempre trabalhando com o fenômeno humano, seja na pré-história, ou na história. Ela pode, com certeza, nos ajudar a ser humanos melhores.

Desejo agradecer aos professores aqui presentes, Igor Chmyz e Margarida Andreatta a orientação segura que me dispensaram; embora afastada das atividades de campo por motivo de saúde, é sempre com muito carinho que lembro das pesquisas de que junto participamos, e particularmente agora, quando estamos todos reunidos para as comemorações dos 50 anos do CEPA.

Aliás, comemoração dos primeiros 50 anos do CEPA. Isto porque, em minhas atividades atuais, sempre que necessário o exame de material coletado em face de trabalho desenvolvido como perita, recorro ao CEPA. Logo, minha ligação com o CEPA parece não ter fim, sendo sempre uma fonte segura de conhecimento.